

JAZZ E COLONIALISMO: O CASO DO SAHARA OCIDENTAL

Bahia M.H Awah, um escritor, antropólogo e poeta do Sahara Ocidental empenhado na luta de libertação do seu povo, **escreveu** um interessante artigo sobre o papel do jazz no combate cultural pela emancipação dos oprimidos. Publicamos aqui alguns excertos desse texto.

«Martin Luther King disse: "Agora é a hora de tirar a nossa nação da areia movediça da injustiça". A percepção que sempre tive da música é a de Dick Clark - o jornalista americano transgressor que dirigiu o famoso programa de televisão AMERICAN BANDSTAND na década de 1960 - para quem "a música é a banda sonora da vida". Clark foi inequívoco na sua apreciação; a música não tem limites no seu papel reivindicativo na vida social e política dos povos oprimidos. Se observarmos a sua enorme dinâmica em tornar visíveis e denunciar os abusos das injustiças no nosso mundo, encontraremos muitos exemplos, como o jazz anti-apartheid na África do Sul, naqueles horríveis anos de segregação racial que atormentaram o povo sul-africano (...).



Crónica de Bahia MH Awah. Fotos de FISahara 2014

«A história do jazz mostrou que este género de música é uma arma poderosa e necessária para as dinâmicas de processos sociais e políticos tanto em África, onde tem a sua origem, como na luta travada pelos movimentos de direitos cívicos nos Estados Unidos. E o jazz não foi o único a apropriar-se desta militância da música, mas também o soul, o rock, o funk e os blues, que tiveram um grande impacto em vários processos de luta política, pelos direitos cívicos e humanos. O jazz converteu-se num poderoso fenómeno de luta cultural que na língua africâner se designou por "Ingoma" for the Stragle, ou seja, a música na luta contra o apartheid.

«Depois do assassinato de Martin Luther King, James Brown compôs a canção "Say it loud I'm black and I'm proud". Desde então, o jazz tornou-se a expressão rebelde da relação com os sistemas injustos e opressores a que o Nobel sul-africano Desmond Tutu se referiu uma vez: "Na África do Sul aprendemos que, se apoias um sistema injusto, a alma sofre". A alma aqui entendida como a banda sonora de luta na vida dos povos e dos indivíduos que combatem pela liberdade e pelos seus inalienáveis direitos. É por isso que o jazz nasceu do ambiente dos negros que eram escravos e dos brancos pobres, que o utilizaram como meio de expressão nas suas primeiras rebeliões contra o poder. Mas o jazz sul-africano não se limitou a esse âmbito anti-apartheid, foi mais além, para acompanhar outros processos em África como a luta do povo saharauí contra a invasão e ocupação militar marroquina dos territórios da antiga colónia espanhola, hoje o único caso de anacronismo no continente africano.

«Neste poder cultural, se procurarmos um exemplo concreto encontramos o "Jazz revolucionário sul-africano", referido anteriormente, que a história do continente negro consolidou na banda Jonás Gwangwa. Evidência clara que estabeleceu um precedente na luta política contra o mal que atormentou o povo da África do Sul por longos anos e cuja luta foi assumida pela banda de Jonás Gwangwa. Segundo o compositor negro norte-americano Herbie Hancock, "O jazz é sobre o modo de estar no momento presente". Muitos anos se passaram desde o activismo anti-apartheid do jazz. Mas, actualmente, também está activo na sua missão de acompanhar e cristalizar posições relativas a boas causas, como a do povo do Sahara Ocidental, na sua luta para recuperar a soberania do seu território, as suas riquezas, e libertá-las das garras do regime marroquino e do seu confrade, a França, que o segue perseguindo a sombra do seu derrotado passado colonial em África.

«O Sahara Ocidental é um dos processos de descolonização mais inadequados do nosso tempo. O mais longo que a África já conheceu e, talvez, o que poderá ser o desonroso precedente da história que desacreditará as Nações Unidas como sistema universal, disfuncional no seu papel perante a implementação do seu esquema "teórico" de legalidade internacional pelo qual foi fundado. No mundo de hoje, o poder já não é o dos militarmente poderosos, mas dos movimentos culturais mobilizados e do mundo académico e intelectual... e se pararmos para revisitar a história do poder cultural, provavelmente lembrar-nos-emos da frase da humanista espanhola María Zambrano - "A cultura é o despertar do homem" - um grito e um clamor dos povos oprimidos contra as injustiças que cometem os interesses das superpotências ocidentais e dos seus "satélites subordinados" do terceiro mundo, ou seja, os regimes que emergiram dos sistemas coloniais. (...).

«O rock de consciência que The Beatles encarnaram é outro destes fenómenos de dois gumes que eclodiram com força transfronteiriça nos protestos contra a guerra do Vietname na década de 1970. E que foi um despertar para o movimento hippy que defendeu esta causa contra o colonialismo nos seus múltiplos tentáculos na Ásia, África e América Latina. "O meu papel na sociedade, como o de qualquer artista ou poeta, é o de tentar expressar o que todos sentimos", disse John Lennon. Aquelas vozes históricas que surgiram como lutas transfronteiriças, agora nascem da mão do que foi sujeito subordinado ao domínio estrangeiro. "Quando a ditadura é um facto, a revolução torna-se um direito", dizia Victor Hugo, e a revolução é a consciência que, individual ou colectivamente, move os indivíduos ou as massas em torno de causas justas e contra os poderes opressores. Entendidas como forças sem armas de fogo que vêm do mundo da criatividade para estar ao lado dos mais desfavorecidos, como é o caso do povo saharauí. Em mais de quarenta anos, o processo de luta dos saharauis fez ressurgir poderosos movimentos culturais que tiveram os seus antecedentes de solidariedade na guerra da Argélia contra o bestial domínio colonial francês, nas guerras no Vietname, Cambodja, Laos, Bangladesh e mais recentemente na África do Sul. (...).

«Nos últimos anos, o processo de libertação do Sahara Ocidental através de vários movimentos culturais conseguiu projectar-se e consolidar-se no cenário nacional e internacional, através do Sahara Film Festival (FISAHARA); a plataforma de artes britânica para o Sahara (SANDBLAST-ARTS); o festival internacional de artes plásticas do Sahara (ARTIFARITI) e o evento desportivo internacional (Maratona do Sahara). E a esse boom de solidariedade que agora lança luz sobre o esquecimento e a denúncia da ocupação marroquina do Sahara Ocidental, foi acrescentada a voz de um dos grandes músicos do jazz sul-africano e mundial, Jonas Gwangwa. Um novo actor cultural presente ao lado dos saharauis desde 2014, com os seus harmónicos de pianos, trombetas, trombones, clarinetes, saxofones, contrabaixo, guitarras e bateria. Um jazz poderoso que os sul-africanos consagraram como um dos métodos de luta com os quais acompanharam o ANC na sua militância e luta contra o apartheid.

Agora Jonah considera necessário que o seu papel seja acompanhar o povo saharauí na sua luta de libertação contra Marrocos, o antigo protectorado francês.

«De meados dos anos setenta até ao início do segundo milénio, a batuta desse movimento artístico foi encarnada pela cantora e compositora saharauí Mariem Hasan, um dos mais famosos ícones da música revolucionária saharauí, da estatura de divas negras como Miriam Makeba, Nina Simone e Marlena Shaw. Estas últimas, lutadoras norte-americanas inspiradas pelas músicas de Billie Holiday, como "Strange fruits", que falavam dos negros que naqueles anos de lutas nos Estados Unidos apareciam com os corpos mutilados e pendurados das árvores. Pesquisando mais tarde sobre a banda sul-africana Jonás Gwanga, descobri que a sua história está registada no sítio oficial da presidência do Governo da África do Sul, o que me ajudou, entre outras fontes, a coligir dados sobre a sua impecável trajectória de luta. (...)»